



BURGE, Ryan P. *20 Myths about Religion and Politics in America*. Minneapolis: Fortress Press, 2022. ISBN 978-1-5064-8201-9, 249 p.

*Stella Garrido**

O livro *20 Myths about Religion and Politics in America* (2022) foi escrito por Ryan P. Burge, pastor, cientista político, professor na *Eastern Illinois University* e especialista na intersecção entre fé e vida pública nos Estados Unidos. O objetivo da obra resenhada é demonstrar que muitas crenças populares sobre religião e política nos Estados Unidos carecem de base empírica. O autor relata uma experiência frustrante ao tentar corrigir informações equivocadas em discussões on-line: mesmo diante de evidências, percebeu que muitas pessoas simplesmente rejeitam os fatos quando estes contradizem suas convicções políticas e culturais.

Importa situar, de início, o lugar dessa obra no campo das ciências da religião. A importância para essa área não decorre de qualquer avaliação sobre a legitimidade ou a verdade das crenças religiosas examinadas. Seu valor está, antes, em oferecer um instrumental metodológico replicável para o estudo empírico da relação entre religiosidade e comportamento político. Burge não pergunta se as convicções religiosas de seus objetos de pesquisa são corretas, mas como elas se distribuem estatisticamente, se correlacionam com posicionamentos políticos e se sustentam, ou não, diante dos dados disponíveis; o que aproxima a obra do projeto mais amplo da ciência da religião.

Para ilustrar a resistência ao conhecimento científico, Burge menciona o fato de muitos americanos não reconhecerem o papel humano no aquecimento global ou manterem a crença de que vacinas estariam associadas ao autismo — posições amplamente refutadas pela literatura científica. O autor interpreta esse fenômeno como uma crise, pois, na ausência de um consenso mínimo sobre os fatos, o debate democrático perde sua própria

* Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Fundação Getúlio Vargas (FGV). Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7691-2549>. E-mail: stellagarrido@gmail.com.

condição de possibilidade. Afinal, se uma parcela significativa da população rejeita o que é factualmente estabelecido, torna-se inviável qualquer discussão produtiva sobre política e valores coletivos.

O texto abre com esses questionamentos, demonstrando como percepções equivocadas moldam visões de mundo e relações sociais. Burge explica que, com frequência, construímos nossas crenças sobre religião e política a partir de suposições não testadas, o que pode levar a distorções perigosas. Esse fenômeno, semelhante à "hipótese da imagem refletida" (*mirror image hypothesis*), conceito oriundo das Relações Internacionais, leva cada lado a presumir o pior sobre o outro, fomentando o conflito em vez do diálogo. A analogia não é gratuita: ao importar um conceito do campo da política internacional para descrever a polarização religiosa doméstica, Burge sugere que as mesmas lógicas que produzem desconfiança entre Estados rivais operam também entre grupos religiosos e políticos internos, tratando o "outro lado" como uma ameaça a ser antecipada, e não como um interlocutor legítimo. Burge propõe que a saída para a polarização é a adoção de uma postura empírica, guiada por fatos, e não por ideologias ou emoções. Para refutar posturas passionais e desinformadas, o autor apresenta vinte capítulos curtos sobre mitos relacionados ao campo político e religioso, oferecendo evidências factuais como contraponto a impressões e dogmas pessoais. Ao final de cada capítulo, indica ainda fontes complementares para os leitores interessados em aprofundar cada um dos mitos refutados.

Entre os vinte mitos abordados pelo autor, destacam-se: a ideia de que o evangelicalismo estaria em declínio; a afirmação de que Donald Trump não teria sido a escolha dos republicanos mais religiosos; a suposição de que pesquisadores seriam tendenciosos em favor dos cristãos; a crença de que a faculdade afastaria os jovens da religião; a exigência de frequência regular a cultos como critério para ser considerado evangélico; a ideia de que a fé pessoal de um candidato presidencial seria capaz de mobilizar parte do eleitorado; a suposição de que as pessoas retornariam à religião na velhice; a afirmação de que o aborto seria a questão mais importante para eleitores evangélicos; a crença de que cristãos brancos sempre teriam sido republicanos conservadores, entre outros.

Como o próprio título sugere, os mitos analisados pelo autor dizem respeito, em primeiro lugar, à realidade e à configuração política estadunidense. Ainda assim, compreender essas dinâmicas auxilia a pensar a própria realidade brasileira e a traçar paralelos entre os dois contextos, sobretudo em razão da influência política e religiosa que o

Brasil recebe dos Estados Unidos, seja pela circulação de lideranças, teologias e estratégias de mobilização evangélica entre os dois países, seja pela absorção, por parte de setores da direita religiosa brasileira, de pautas e retóricas culturais forjadas originalmente no contexto estadunidense.

Nesse sentido, a obra dialoga com um escopo mais amplo dos estudos da religião. O fato de Burge ser também pastor reforça, e não enfraquece, esse diálogo: sua trajetória demonstra que é possível conciliar a vivência religiosa pessoal com o rigor acadêmico, desde que se reconheça que a base do campo científico é a evidência, e não a fé. Essa postura, que separa convicção religiosa de método de análise, contribui para credibilizar as ciências da religião como área de conhecimento fundamentada em dados, e não em posicionamentos confessionais.

Ao longo dos vinte capítulos, o autor demonstra que a qualidade da democracia depende diretamente da qualidade epistêmica de seus cidadãos. Uma democracia em que segmentos expressivos da população recusam sistematicamente evidências que contradizem suas convicções prévias sobre religião e política tem sua capacidade deliberativa comprometida. Burge não propõe uma solução política para a polarização americana, mas defende a adoção de uma postura de abertura intelectual, humildade epistemológica e disposição para mudar de ideia diante de evidências. A obra constitui, em última análise, um convite ao exercício cotidiano da razão crítica, que valoriza dados e ciência em detrimento de impressões e opiniões pré-concebidas já arraigadas no cotidiano.

Se o mérito do livro está em sua capacidade de traduzir dados complexos, extraídos de bancos de dados como o *Cooperative Election Study* e o *General Social Survey*, em uma linguagem acessível a um público não especializado, sua principal limitação reside justamente no recorte nacional da análise: por tratar quase exclusivamente do caso estadunidense, a obra não avança em uma reflexão comparada mais sistemática sobre como esses mesmos mecanismos de desinformação e polarização religiosa se manifestam em outros contextos, como o brasileiro, ficando esse exercício a cargo do leitor. Ainda assim, o livro permanece uma referência valiosa para pesquisadores interessados na interface entre religião, política e comportamento eleitoral, tanto pelo rigor metodológico quanto pela clareza expositiva com que apresenta a públicos diversos.

Recebido em: 2 de agosto de 2026

Aceito em: 7 de agosto de 2026

Publicado em: 7 de agosto de 2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado